

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Capitão-de-Corveta IUNIS TÁVORA SAID

A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS NA ORIENTAÇÃO DA
POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO
IRAQUE.

Rio de Janeiro

2008

Capitão-de-Corveta IUNIS TÁVORA SAID

A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS GEOPOLÍTICAS NA ORIENTAÇÃO DA
POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO
IRAQUE.

Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do Curso de Estado-
Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: Professora Sabrina E. Medeiros

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2008

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS.....	4
3 O REALISMO.....	5
4 O PENSAMENTO DE KISSINGER.....	7
5 O PENSAMENTO DE BRZEZINSKI.....	9
6 A POSTURA DOS EUA NO IRAQUE DE 1991 A 2003.....	11
7 CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

As teorias geopolíticas para Vesentini (2007, p. 12) são ferramentas para a orientação dos líderes mundiais na consecução das políticas externas dos seus Estados. Os líderes que possuem pretensões de tornarem seus Estados influentes no cenário mundial deverão ter a exata noção da aplicação dessas teorias a fim de que possam proteger, da melhor maneira possível, os interesses deles frente aos dos demais atores¹ do Sistema Internacional (SI)².

No atual cenário mundial, *unimultipolar*³, é cada vez mais importante que se lance mão das teorias geopolíticas para orientar as ações dos Estados no campo das relações internacionais. O Estado que souber entender e interpretar corretamente a dinâmica do Sistema Internacional à luz das teorias geopolíticas, a despeito de suas mudanças cada vez mais rápidas, com certeza saberá agir no sentido de resguardar interesses e, conseqüentemente, obter vantagens econômicas e políticas. O trabalho procurará demonstrar através do estudo da postura dos Estados Unidos da América (EUA) no Iraque no período de 1991 até 2003, a importância e a validade das teorias geopolíticas na atualidade.

Para o levantamento dos dados necessários à confecção dessa monografia foi utilizado um processo de investigação realizado por meio de uma pesquisa bibliográfico-documental através da utilização de técnicas indiretas (levantamento e seleção da bibliografia, leitura analítica, fichamento, análise comparativa e interpretação dos dados e conclusões).

A fim de sistematizar nosso estudo e por motivo de simplicidade e objetividade, iremos, inicialmente, apresentar as principais teorias geopolíticas clássicas, origem de todas as demais. A seguir trataremos da teoria de *Realismo Geoestratégico*⁴, base da argumentação teórica de Kissinger e Brzezinski. Em seqüência, abordaremos o pensamento desses dois importantes pensadores modernos, que influenciaram e influenciam os rumos da política externa norte-americana. Para finalizar, estudaremos a postura dos Estados Unidos da América no período que antecedeu a segunda Guerra do Golfo, de 1991 a 2003, e faremos a correlação entre essa postura e as idéias daqueles pensadores.

¹ Os Atores do Sistema Internacional, em geral os Estados, são entidades cujas ações e interações definem o perfil e as transformações daquele Sistema e por ele são alterados. (PECEQUILLO, 2004, p. 40-41).

² O SI é o meio onde se processam as relações entre os diferentes atores que compõem e fazem parte do conjunto das interações sociais que se processam na esfera internacional. (PECEQUILLO, 2004, p. 38).

³ Para alguns estudiosos de geopolítica, o mundo hoje seria unipolar sob o ponto de vista da hegemonia militar norte-americana. Outros autores consideram, baseados no poderio econômico, que o mundo hoje seria multipolar. Uma terceira corrente já entende o mundo atual como apolar, quando se toma como parâmetro, por exemplo, os fluxos financeiros e o crescimento das organizações globais, sejam elas interestatais, não-governamentais, legais ou clandestinas. Dessa divergência surgiria a unimultipolaridade. (VESENTINI, 2003, p. 92-93).

⁴ Visão geopolítica postulada por Kissinger e Brzezinski. (VESENTINI, 2007, p. 95).

A similaridade entre a postura americana no Iraque e as idéias propostas pelos pensadores deverá provar a validade das teorias geopolíticas na atualidade.

2 AS TEORIAS GEOPOLÍTICAS CLÁSSICAS

A fim de entender o funcionamento da dinâmica de poder entre os diversos Estados e com isso poder prever acontecimentos no cenário internacional, tirando proveito deles, vários estudiosos, ao longo dos séculos, elaboraram inúmeras teorias. O termo geopolítica, no entanto, somente surgiria e seria empregado a elas mais tarde. É Vesentini que diz:

A geopolítica nasceu – pelo menos oficialmente, como rótulo – com o jurista sueco Rudolf Kjellén, que pela primeira vez empregou esse termo num ensaio intitulado “As grandes potências”, publicado em 1905 [...]. Onze anos mais tarde Kjellén reafirma as bases dessa “nova disciplina” no seu livro *O Estado como forma de vida*, editado em 1916 na Suécia. (VESENTINI, 2007, p. 15, grifo do autor).

Iremos, para simplificar, dividir as teorias geopolíticas clássicas em duas grandes correntes: a do poder terrestre e a do poder marítimo. A *corrente do poder marítimo* tem como seu maior expoente o Almirante norte-americano Alfred T. Mahan. É Vesentini que afirma:

Apesar de ser considerado um dos “clássicos da geopolítica” [...] Mahan na realidade nunca fez uso desse rótulo em seus escritos, que em grande parte foram publicados antes mesmo de Kjellén ter proposto essa nova forma de conhecimento [...] Ele foi sem dúvida o nome mais conhecido da estratégia naval [...]. A chave para a hegemonia mundial, segundo Mahan, estaria no controle das rotas marítimas, essas “veias por onde circulam os fluxos do comércio internacional”. A posse de grande poder marinho, dessa forma, seria indispensável para um Estado que almejasse tornar-se importante potência mundial. (VESENTINI, 2007, p. 17).

A *corrente terrestre* da geopolítica, por sua vez, tem como seu maior expoente Halford J. Makinder. Na visão de Vesentini:

Alicerçado na idéia de que a geografia é o *pivot* (base, sustentáculo) da história, Makinder construiu toda uma teoria que tem na geoestratégia a chave para a hegemonia mundial. Tido como “o propugnador do poder terrestre” - em oposição a Mahan, visto como “o evangelista do poder marítimo”-, Makinder criou conceitos que foram reproduzidos por praticamente todos os demais geopolíticos e se tornaram clássicos: *pivot area*, *world island*, anel insular, anel interior ou marginal e, principalmente, *heartland*. (VESENTINI, 2007, p. 18, grifo do autor).

Esses dois pensadores influenciariam sobremaneira os geoestrategistas que os sucederam e, para o presente trabalho, nos interessa em especial a influência de ambos no pensamento de Kissinger e Brzezinski. Cita Vesentini:

Em resumo, tanto Kissinger quanto Brzezinski [...] identificam-se com o chamado realismo – a corrente que vê somente ou principalmente o Estado nacional como protagonista no cenário mundial e a sua atuação tem por base não ideais (democracia, direitos humanos, igualitarismo etc.) e sim interesses materiais – e ambos, especialmente Brzezinski, **são quase que continuadores da tradição geopolítica clássica.** (VESENTINI, 2007, p. 109, grifo nosso).

Kissinger e Brzezinski vão apresentar visões geopolíticas voltadas para orientar como os EUA devem agir no contexto do SI a fim de manter sempre uma posição de destaque, tendo como base os ensinamentos postulados pelos clássicos.

3 O REALISMO

É um consenso entre os estudiosos das Relações Internacionais que no Sistema Internacional impera a anarquia. Não há um órgão que possa efetivamente regular a ação dos atores internacionais, em geral, e dos mais importantes deles, os **Estados**, em particular. Conforme nos diz Pecequilo:

[...] o sistema internacional não possui qualquer princípio organizador, ou entidade superior aos Estados, capaz de dirigir o conflito. Cada Estado está liberado e destinado a garantir sua sobrevivência em um ambiente hostil, frente a adversários semelhantes e de mesmos objetivos e que podem ter capacidades maiores, menores ou iguais às suas. (PECEQUILO, 2004, p. 122).

Em linhas gerais, a teoria geopolítica do realismo está baseada na idéia de que os Estados devem usar sua influência, seja militar, seja econômica ou política, para a consecução de seus objetivos sem grandes preocupações com a ética dos seres humanos. Valeria, no Sistema Internacional, outra ética: a ética dos Estados⁵ postulada por Maquiavel. Na prática, a orientação realista incentivaria ações intervencionistas, mas apenas quando esse intervencionismo fosse favorável ao Estado interventor. Questões mais elevadas como proteção aos direitos humanos, defesa da democracia ou combate às injustiças e à tirania, simplesmente não justificariam ações intervencionistas. A conquista de territórios estratégicos, reservas de recursos minerais e ações preventivas⁶ estariam, por outro lado, plenamente justificadas pela **lógica realista.** É Pecequilo (2004, p. 128) quem diz:

O conceito-chave do realismo político é o interesse definido em termos de poder que determina, na prática, as prioridades e o tipo de comportamento que um certo Estado

⁵ Segundo Maquiavel, o **príncipe** deve conduzir os assuntos de Estado tendo como base uma ética específica para tal, com preceitos diferentes da ética comum dos homens. Essa seria a Ética dos Estados (MAQUIAVEL, 2008, p. 172-176, grifo nosso).

⁶ Consideram-se como ações preventivas aquelas de ataque ao inimigo, impedindo seus planos e fazendo frente às suas mais graves ameaças possíveis, ainda que não sejam iminentes (BYERS, 2007, p.98).

terá no sistema internacional, procurando alcançar os objetivos [...]. O poder estatal é definido segundo uma série de fatores tangíveis e facilmente identificáveis como território, população recursos naturais e localização geográfica.

Podemos identificar origens bem mais antigas para o Realismo. Quando estudamos Maquiavel, é fácil perceber que suas idéias apresentam congruência com a atual linha de pensamento realista, em especial quando ele descreve o comportamento ideal daquele que será responsável pela condução dos destinos do Estado: *O príncipe*.

Sendo assim, um **príncipe sagaz** não deve cumprir seus compromissos quando não estiver de acordo com seus interesses e quando as causas que o levaram a comprometer sua palavra não existam mais. Se todos os homens fossem bons, esse preceito seria inoportuno, mas como os homens são naturalmente maus, e não terão boa-fé em relação a vós, precisas, da mesma maneira, não ter boa fé em relação a eles. Jamais faltarão razões legítimas a nenhum príncipe para justificar a quebra de sua palavra. (MAQUIAVEL, 2008, p.173, grifo nosso).

Para o Realismo, o pensamento maquiavélico poderia ser utilizado para dar embasamento teórico às ações do Estado, que ele personificava no *príncipe* e para justificar a maneira de atingir objetivos deste, levando em consideração apenas critérios políticos, descartando considerações ideológicas, idealistas ou morais.

Para que os Estados pudessem efetivamente adotar um postura realista, os pensadores necessitaram de outros conceitos de entendimento do SI. Para os realistas os Estados são soberanos e também considerados os **únicos atores do SI**⁷. No permanente *estado de natureza*⁸ que nele impera, eles buscariam o equilíbrio de poder e a preservação dos seus interesses. Ora, a combinação de busca por equilíbrio e defesa dos interesses dos Estados acabaria por levar o SI, na concepção realista, a uma situação de *guerra latente* constante. Nesse sentido, podemos, inclusive, estabelecer uma comparação assaz interessante entre a anarquia do SI nos dias de hoje o estado de natureza primitivo dos homens, de origem hobbesiana. Para Hobbes a situação *natural* do homem seria de conflito, pois:

Por que as leis da natureza (como a justiça, a equidade, a modéstia, a piedade, ou em resumo, *fazer aos outros o que queremos que nos façam*) por si mesmas, na ausência do temor de algum poder de as levar a ser respeitadas, são contrárias às nossas paixões naturais, às quais nos fazem tender para a parcialidade, o orgulho, a vingança e coisas semelhantes. [...] Em todos os lugares onde os homens viviam em pequenas famílias, roubar-se e espoliar-se uns e outros sempre foi uma ocupação legítima, e tão longe de ser considerada contrária à lei da natureza que quanto maior era a espoliação conseguida, maior era a honra adquirida. Nesse tempo os homens tinham como únicas leis as leis da honra, ou seja, evitar a crueldade, isto é, deixar aos outros as suas vidas e os seus instrumentos de trabalho. Tal como faziam as pequenas famílias, assim também hoje as cidades e os reinos, que não são mais do

⁷ Para os realistas, como os demais atores estão agindo não interessa (PECEQUILO, 2004, p. 136).

⁸ Estado de Natureza é definido como um cenário de guerra de todos contra todos, no qual cada indivíduo estará em disputa com outros (o homem como lobo do homem), visando seu espaço e interesses e gerando uma situação de guerra permanente. (PECEQUILLO, 2004, p. 118).

que famílias maiores, para a sua própria segurança ampliando os seus domínios e, sob qualquer pretexto de perigo, de medo de invasão ou assistência que possa ser prestada aos invasores, legitimamente procuram o mais possível subjugar ou enfraquecer os seus vizinhos, por meio da força ostensiva e de artifícios secretos, por falta de qualquer outra segurança; e em épocas futuras por tal são recordados com honra. (HOBBES, 2002, p.143-144, grifo do autor).

Esse pensamento foi explicitado em sua obra *Leviatã*, que serviu para fornecer o arcabouço filosófico para os futuros estudiosos da teoria do realismo. Apesar dos acalorados debates sobre a verdadeira natureza do homem e sobre a real essência do SI (se de conflito ou de cooperação) até hoje não se chegou a um consenso. O fato é que, ao analisarmos a história da humanidade, em função dos inúmeros conflitos, tudo leva a crer que Hobbes aproximou-se mais da verdade do que aqueles chamados *idealistas*, por julgarem os homens bons e cooperativos e os Estados, por extrapolação, também.

Encarando essa problemática sob a ótica do positivismo⁹, o que importa, na verdade, não é realmente se uma teoria geopolítica realmente conseguiu chegar à verdade ou não, mas sim *se ela funciona ou não*. Para os governantes vale mais ser capaz de poder prever o que é acontecimentos e preparar-se para eles ou influenciá-los positivamente, do que saber se ocorrerão por que o homem é bom ou mau, ou se no SI predomina a cooperação ou o conflito. Nesse ponto, a **aplicabilidade**, as teorias hobbesianas mostraram-se mais *efetivas*, talvez não por mérito dele enquanto cientista político, se é que podemos chamá-lo assim, mas aparentemente pelo fato de Hobbes ter observado com maior clareza a natureza humana e, por semelhança, a dos Estados, possibilitando aos governantes tirar disso conclusões úteis e *aplicáveis*.

4 O PENSAMENTO DE KISSINGER

Henry Alfred Kissinger, nasceu em Fürth, Alemanha a 27 de maio de 1923. Kissinger foi conselheiro para a política estrangeira de todos os presidentes dos EUA de Eisenhower a Gerald Ford, sendo o secretário de Estado de Richard Nixon. Por sua postura de assessoramento e por ter estado envolvido diretamente na atividade diplomática dos Estados Unidos da América com a China, o Vietnã, a URSS e países da África e da América Latina, foi sem dúvidas uma figura influente na política estrangeira dos EUA. Não foi uma unanimidade, sendo que alguns críticos acusam-no de ter cometido crimes de guerra pela

⁹ Positivismo é a teoria onde a palavra de ordem era desprezar a inacessível determinação das causas, dando preferência à determinação das leis. Dessa forma, substituía-se o método *a priori* pelo método *a posteriori*. O fundador da doutrina Positivista foi Auguste Comte. (JÚNIOR, 1994).

autorização para a invasão pela Indonésia do Timor Leste em 1975 e pelo fomento a golpes de estado de direita em países da América do Sul como Chile e Uruguai.

Escreveu, dentre outros livros, *A World Restored* (1957) e *Diplomacy* (1994), nos quais ele tenta atualizar os preceitos realistas que regeram a diplomacia europeia no século XIX para as realidades da Guerra Fria (*World Restored*) e pós-Guerra Fria (*Diplomacy*) (período que vai de 1947 a 1989). Em *Diplomacy*, Kissinger (1994, p. 137, tradução nossa) conceitua o realismo, ou a *Realpolitik*, com sendo “política externa baseada no equilíbrio entre poder e interesse nacional ¹⁰”. O livro trata da postura que os EUA deveriam adotar no mundo pós-Guerra Fria. É Vesentini que diz sobre o pensamento de Kissinger:

Tendo em vista essa perspectiva – os interesses “nacionais” dos EUA –, eles [Kissinger e Brzezinski] não elaboraram novas e ousadas teorias [...] a impressão de que nada mudou fundamentalmente com o fim da guerra fria, com exceção talvez do afastamento do holocausto, pois continuaria a predominar o eterno jogo de interesses do Estados nacionais. (VESENTINI 2007, p. 95, grifo do autor).

Para Kissinger a luta dos Estados pelo poder é uma realidade inegável, mas que pode ser limitada pela alta diplomacia presidencial. Em sua opinião o sistema internacional estaria transitando de uma hegemonia (norte-americana) a uma situação de liderança (também dos Estados Unidos). Nesse contexto o papel da alta diplomacia torna-se ainda mais relevante, na medida em que a liderança internacional deve fundar-se *preferencialmente* em um consenso internacional, mas não obrigatoriamente. Kissinger *apud* Vesentini, afirma:

Nesta virada de milênio, ele argumentou, as autoridades norte-americanas estariam fazendo com que o país desperdiçasse a sua proeminência global; essa geração de líderes estaria antes de tudo preocupada com a “política doméstica” e teria sido moldada pelos protestos do início dos anos 1970, que depreciaram o “papel poder” em nome de uma *new age* de problemas/debates tais como o meio ambiente e o humanitarismo. (VESENTINI, 2007, p. 97, grifo do autor).

Após os atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001, mantendo sua linha de pensamento pragmática e realista, Kissinger passou a postular que a política externa dos EUA deveria, nas ações imediatas que são necessárias, aceitar os conselhos da razão de Estado¹¹ e do realismo. Em outras palavras, o consenso internacional deveria fundamentar-se nos preceitos do equilíbrio de poder, que são mais pragmáticos e operacionais e, portanto, mais adequados a uma resposta imediata contra ameaças terroristas. Para ele parece lógico que os EUA teriam que adotar medidas drásticas contra as ações impetradas por terroristas,

¹⁰ Texto original em inglês.

¹¹ Idéia originada na França (Richelieu), a razão de Estado privilegia, acima de tudo, os interesses do Estado Nacional constituído, cujos objetivos são a sua preservação e expansão. (PECEQUILO, 2004, p. 121-122).

respaldadas de preferência, mas não necessariamente, por um consenso internacional. Butler diz que:

Realistas como o grande catedrático Hans Morgenthau e, mais recentemente, o ilustre Henry Kissinger, tem argumentado que, de fato, não há realmente princípios na política internacional, somente interesses e que essa política trata fundamentalmente da distribuição e do uso de poder para a consecução daqueles interesses. (BUTLER, 2001, p. 236, tradução nossa¹²).

Por fim, dado o surgimento de novos atores no SI, Kissinger admite que algumas organizações privadas vêm adquirindo capacidade de afetar as seguranças nacional e internacional e com isso Estados vem perdendo força. Essa seria uma concessão desse importante pensador do realismo puro, rendendo-se ao que se convencionou chamar de *neo-realismo*¹³.

Para fazer frente à ameaça terrorista, as medidas propostas por Kissinger seriam retaliação forte, a fim de destruir a vontade de combater do inimigo e, de quebra, diminuindo as perdas e a duração da guerra, a idéia de preempção (atacar primeiro e com isso evitar o surgimento ou a estruturação de ameaças nos campos interno e externo), tentar construir um consenso internacional que apóie essas medidas, reavaliar os serviços estadunidenses de inteligência, e repensar constantemente suas políticas externas a fim de que estas causem o mínimo possível de perda de apoio externo. Nesse sentido a guerra no Iraque seria, para ele, simplesmente a continuação da guerra contra o terrorismo, pois se encaixaria na idéia de preempção e combate à difusão das armas de destruição em massa.

5 O PENSAMENTO DE BRZEZINSKI

Zbigniew Kazimierz Brzezinski nasceu em Varsóvia, Polônia, a 28 de Março de 1928. Serviu como Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América durante a presidência de Jimmy Carter, entre 1977 e 1981. Ficou conhecido por sua posição intervencionista (*hawkish*), em uma época na qual o Partido Democrata tendia ao isolacionismo (*dovish*).

Podemos considerar como uma importante contribuição de Brzezinski para a geoestratégia pós-Guerra Fria o seu livro *The Grand Chessboard* de 1997. Posteriormente escreveu *The Choice*, em 2004, atualizando as idéias do *The Grand Chessboard* à luz da

¹² Texto original em inglês.

¹³ Surgido como uma resposta realista aos desenvolvimentos do sistema de análises sobre Relações Internacionais, o neo-realismo propõe oferecer uma abordagem mais científica para o estudo da política internacional. Mais do que uma revisão do realismo clássico, o neo-realismo é uma tentativa de reterorização da escola e uma alternativa às abordagens liberais que ganhavam cada vez mais espaço. (PECEQUILO, 2004, p. 131).

globalização e dos atentados de 11 de setembro e tecendo críticas à política externa do governo de George W. Bush.

Brzezinski procurou estabelecer uma estratégia para a atuação da política externa dos Estados Unidos em cada uma das quatro áreas principais da Eurásia, quais sejam: o oeste, o espaço médio, os Balcãs eurásianos e o leste. Na visão de Brzezinski, numa perspectiva *mackinderiana*, o centro do poder mundial continua sendo a eurásia e a atual situação de termos uma potência não eurásiana como hegemônica é temporária. Os Estados Unidos da América deveriam atuar de maneira diferenciada em cada uma dessas áreas para conseguir manter sua atual posição hegemônica no cenário internacional. Mais especificamente na área dos Balcãs eurásianos, onde está localizado o Iraque, Vesentini diz que:

Brzezinski aconselha uma certa cautela para os Estados Unidos nessa região, pois esse país está muito distante para aí atuar diretamente e, ao mesmo tempo, é muito poderoso para deixar de influir nos acontecimentos decisivos. O melhor seria impedir que um único poder - seja a Rússia, a Turquia, o Irã ou até a China - seja hegemônico nessa região, embora sem afastar ou excluir nenhum deles, e principalmente facilitar o acesso da “comunidade global” (os interesses econômicos e financeiros) até essa região. (VESENTINI, 2007, p.107).

Os assim chamados *Balcãs eurásianos* abrangeriam o conjunto de Estados desde a Turquia até Índia e o extremo oeste da China, passando pelo Oriente Médio e abarcando também a Ásia central. É riquíssima em fontes de energia (petróleo e gás), mas ao mesmo tempo é um verdadeiro cadinho étnico e religioso, onde existem também sérias disputas fronteiriças e movimentos separatistas em vários países daquela área. Em seu livro *Nova Ordem, Imperialismo e Geopolítica Global*, Vesentini mais uma vez ressalta a posição de Brzezinski quando expõe que:

Esse importante estrategista norte-americano argumenta que a atual supremacia planetária dos EUA é algo “sem dúvidas provisório” e que poderá se prolongar por mais tempo – por mais algumas décadas – desde que o governo dessa superpotência utilize uma “geoestratégia adequada, em especial para a Eurásia [...]”. (VESENTINI, 2003, p. 98).

A cautela recomendada por Brzezinski não é infundada. Nessas regiões os conflitos entre os estados tendem a ser extremamente complicados de resolver e as guerras historicamente cruentas. Para Brzezinski (1997, p. 27, tradução nossa¹⁴, grifo nosso). “Os arranjos particulares das forças de segurança no Golfo Pérsico, especialmente após a breve

¹⁴ Texto original em inglês.

missão punitiva ao Iraque em 1991, transformaram aquela região economicamente vital em um tipo de **área de reserva**¹⁵ dos militares americanos”.

6 A POSTURA DOS EUA NO IRAQUE DE 1991 A 2003

Após o fim da primeira guerra do Iraque, a partir do cessar fogo oficial em 1991, até o início do segundo conflito, iniciado em março de 2003, o mundo assistiu a uma seqüência de eventos no campo das relações internacionais protagonizados pelos mais influentes atores do SI. É nesse período que ocorrem os atentados de 11 de setembro de 2001, um marco histórico que influenciaria a postura do governo dos EUA com relação ao Iraque. A problemática à época basicamente girava em torno da real influência iraquiana na articulação terrorista, a legitimidade de seu regime de governo e a possibilidade desse regime, comandado por Saddam Hussein, ter em seu poder armas de destruição em massa.

Estados Unidos da América, Reino Unido, França, Rússia, Espanha e Itália, dentre outros, foram co-partícipes desse marcante processo que golpeou duramente a autoridade da ONU e desembocou em uma guerra que hoje, depois de quatro anos, ainda está longe de ter um vislumbre de término.

Não coincidentemente, 1991 marca o início de uma nova era, de uma nova *ordem mundial*, segundo Vesentini:

Sem dúvida que a nova ordem mundial resultou do avançar da revolução técnico-científica (ou Terceira Revolução Industrial) e da globalização e, em especial, da rápida desagregação do “mundo socialista” com a profunda crise na União Soviética e o seu final em 1991. Nascida, portanto, a partir da ruína da bipolaridade - que foi o mundo da guerra - fria e das duas superpotências, que existiu de 1945 até 1989-1991-, ela ainda suscita inúmeras controvérsias e costuma a ser ora como multipolar (por alguns, provavelmente a maioria dos especialistas), ora como monopolar (por outros). (VESENTINI, 2003, p. 91-92).

Sem a sombra da extinta União Soviética, os americanos conquistaram uma posição geoestratégica privilegiada. Para Brzezinski:

[...] o poder global americano hoje é único. Não somente os EUA controlam todos os mares e oceanos, como desenvolveram uma considerável capacidade de controlar áreas costeiras a partir de operações anfíbias que os permite projetar poder sobre terra de maneira politicamente significativa. Suas bases militares estão firmemente enclavadas nas extremidades leste e oeste da Eurásia, além de também controlarem o Golfo Pérsico. (Brzezinski, 1997, p. 273, tradução nossa¹⁶).

¹⁵ A palavra “reserva” foi empregada na citação da mesma forma que na expressão “reserva ecológica” ou “reserva indígena”, representando, assim, uma “área sob controle estrito”.

¹⁶ Texto original em inglês.

Após o fim da primeira Guerra do Golfo a ONU cria o UNSCOM (Comissão Especial das Nações Unidas) pela Resolução 687 de 1991 do Conselho de Segurança das Nações Unidas¹⁷, para realizar inspeções no Iraque a fim de detectar a existência de armas de destruição em massa, biológicas, químicas e mísseis com alcances de mais de 150 Km. Para realizar as inspeções, os funcionários da ONU contariam com a colaboração de pessoal da Agência Internacional de Energia Atômica, AIEA¹⁸. Segundo Araujo (2004):

A UNSCOM tinha não apenas a missão de inspecionar o território do Iraque como também de destruir, remover e neutralizar tais armamentos, bem como as instalações onde os produziam. Ainda atuava buscando por fim a qualquer projeto e desenvolvimento de armas biológicas e químicas. Em contrapartida, cabia ao Governo do Iraque cooperar com tudo em que os inspetores necessitassem, colaborando o máximo para o desenvolvimento das inspeções.

O trabalho da comissão não foi fácil. Vários problemas ocorreram até que, em 1998, a situação realmente se agravou, quando o governo iraquiano proibiu a entrada dos inspetores da ONU. Segundo Butler (2001, p. 155):

Em maio de 1998, nós já tínhamos atravessado quase seis meses de crise contínua. A primeira crise começou quando o Iraque decidiu expulsar os funcionários da ONU que estavam trabalhando na UNSCOM; ela se desenvolveu a partir da decisão do Iraque em estabelecer como permanentemente livres de qualquer tipo de inspeção ou de monitoramento os locais privativos do presidente. Discussões na ONU para direcionar essas crises tinham duas características principais: esforços cada vez mais intensos para distinguir entre a questão diplomática e o problema em si e tentativas reiteradas de simpatizantes da causa iraquiana, incluindo o escritório do Secretário-Geral, para questionar a efetiva existência de um problema. (Tradução nossa¹⁹).

Em outubro de 1998 Saddam Hussein concorda com a volta dos inspetores, que permanecem em território iraquiano até dezembro, quando Butler informa à ONU a falta de cooperação por parte do governo iraquiano. Os funcionários são novamente retirados e os EUA e a Reino Unido lançam um ataque sobre solo iraquiano chamado de Operação Raposa do Deserto. Nessa operação, alvos iraquianos foram bombardeados. Com essa atitude hostil, a UNSCOM estava encerrada definitivamente. Segundo Butler (2001, p. 212):

A UNSCOM estava morta, e não haveria nenhum ponto a se discutir além dos relatórios já enviados, pois os mesmos não cumpriram o papel a que se destinavam. [...] O Secretário Geral Annan emitiu uma declaração na qual ele caracterizava aquele como um “dia triste”, inclusive para ele pessoalmente. Ele enfatizou as necessidades humanitárias do povo iraquiano e da região como um todo, mas falhou ao mencionar a necessidade de se aceitar as determinações do Conselho de

¹⁷ Resolução 687, no seu apartado "b", do parágrafo 9, de 03 de abril de 1991, ditada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

¹⁸ A Agência Internacional de Energia Atômica foi criada por volta dos anos 50, tendo iniciado suas atividades no ano de 1957. Sua missão principal era controlar a proliferação de armas nucleares e auxiliar os países na manutenção e operação de usinas nucleares. (ARAÚJO, 2004)

¹⁹ Texto original em inglês.

Segurança e não usou em nenhum momento as palavras “desarmamento” ou “controle de armas”. (Tradução nossa²⁰).

A postura americana, com o apoio da Reino Unido, mais uma vez demonstrou estar alinhada à doutrina do realismo geoestratégico de Kissinger e Brzezinski. Havia realmente interesses norte-americanos na realização da operação Raposa do Deserto e talvez não especificamente relacionados com os altos interesses internacionais do Estado norte-americano (*high politics*)²¹, mas talvez a interesses simplesmente políticos (*low politics*)²². Butler (2001, p. 212) diz que:

Logo em seguida [ao ataque] surgiu uma especulação – na verdade uma acusação – que a decisão do Presidente Clinton em por em prática a operação Raposa do Deserto havia sido um “engodo” – e que a decisão se prestaria apenas para desviar a atenção [da população americana] do processo de impeachment que estava em curso. Somente uma pessoa sabe a resposta para confirmar essa simples teoria – O Presidente Clinton [...]. (Tradução nossa²⁰).

A fim de substituir a UNSCOM, é criada a UNMOVIC²³ que assumiria a responsabilidade sobre as inspeções no Iraque. No período de 1998 a 2001 não são realizadas inspeções naquele Estado e essa situação somente irá se reverter em 2002, sob pressão internacional, especialmente a americana, quando o Ministro de Relações Exteriores do Iraque informa ao Secretario Geral das Nações Unidas que seu Governo havia decidido permitir, de forma incondicional, o retorno das inspeções em seu país.

Em 08 de novembro daquele mesmo ano, o Conselho de Segurança aprova por unanimidade a Resolução 1441²⁴, dando uma última oportunidade ao governo iraquiano para seu desarmamento. É Araujo quem diz que:

Estabelece a Resolução 1441 de 2002, que o Iraque segue incorrendo em violações graves de suas obrigações e decide de forma expressa e formalmente oferecer uma última oportunidade ao país para cumprir as medidas impostas em matérias de desarme, conforme previa e exigia as resoluções anteriores. Decide a Resolução 1441 de 2002, que o Iraque deve oferecer aos inspetores da UNMOVIC e da AIEA toda estrutura e apoio, de forma incondicional e irrestrita para que possam

²⁰ Texto original em inglês.

²¹ A *high politics* refere-se aos componentes essenciais da política de poder dos realistas, envolvendo os elementos militares, diplomáticos e estratégicos que definem a capacidade de projeção de um estado. (PECEQUILO, 2004, p. 121).

²² A *low politics* refere-se a questões culturais, sociais e econômicas dos Estados, questões essas que pertencem ao seu mundo doméstico. (PECEQUILO, 2004, p. 121).

²³ A Comissão das Nações Unidas de Vigilância, Verificação e Inspeção UNMOVIC, sigla em inglês, foi criada pela Resolução 1284 de 1999, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, com o objetivo de continuar os trabalhos de inspeção no Iraque e para que se cumprissem todas as anteriores resoluções, principalmente que o Iraque não produzisse armas químicas e biológicas. Criando ainda, um sistema permanente de fiscalização e combate contra a proliferação de armas de destruição em massa produzidas pelo Iraque, bem como efetivar a destruição dos mísseis com alcance de mais de cento e cinquenta quilômetros. (ARAUJO, 2004).

²⁴ Resolução 1441, de 08 de novembro de 2002, do Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovada na sua 4644ª sessão (doc. S/RES/1441).

desenvolver seus trabalhos, bem como disponibilizar os antigos informes a respeito dos seus programas de armas de destruição em massa e dos mísseis de alcance superior a 150 Km. (ARAUJO, 2004).

A UNMOVIC reinicia seus trabalhos no Iraque, mas a situação política nos EUA é delicada. O resultado da impopularidade da administração Clinton no fim de seu mandato contribuiu para a eleição de George W. Bush Jr., eleição essa envolta em séria controvérsia que ocasionou a necessidade, inclusive, da recontagem de votos em alguns estados norte-americanos. Dávila (2001) diz que “A mídia americana tem em suas mãos o resultado da recontagem de votos das eleições presidenciais no Estado da Flórida, que definiriam quem foi o vencedor de fato do pleito do ano passado, George W. Bush ou Al Gore, mas não deve publicá-lo tão cedo”.

O atentado às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 faria com que o governo americano pudesse utilizar o contexto internacional em prol dos interesses da *low politics*, distraíndo o povo americano à custa de uma atuação dura no Iraque. Haveria, enfim, uma válvula de escape para toda frustração e sensação de impotência da nação pós-11 de setembro. Na visão de Reus-Smit:

Mesmo assim, dúvidas sobre a legitimidade da eleição de Bush e o fato de que os republicanos estavam perdendo rapidamente o controle do Senado, ainda os impedia de agir. Os ataques de 11 de setembro mudaram tudo isso. A partir daquele momento, os impedimentos sumiram. Agora, convencidos do poderio americano e da sua legitimidade, o espectro dessa ameaça global, constante e amorfa, deu ao governo uma razão, segundo o seu ponto de vista, para consolidar a supremacia americana e reformular, desavergonhadamente, a ordem global – **unilateralmente se necessário**. (REUS-SMIT, 2005, p. 32, tradução nossa²⁵, grifo nosso).

Havia, agora, um motivo *respaldado* para a imposição da vontade americana no Iraque. Foi apenas uma questão de tempo para que fosse preparado o aparato militar e diplomático necessário para por em prática a decisão de entrar em guerra contra Saddam Hussein. Nesse meio tempo, o Iraque começara a cooperar com os agentes da ONU. Não houve, inclusive, nenhum relatório da UNMOVIC dando a entender o contrário. Segundo Araujo (2004):

Em todos os informes e reuniões apresentados pelo Presidente Executivo da UNMOVIC, ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, foram demonstrados que o Iraque estava cooperando, que as inspeções estavam avançando e tendo resultados, e com base na situação os inspetores deveriam ter um pouco mais de tempo, para que pudessem fornecer uma informação mais concreta e detalhada da real situação em Iraque. Em 18 de março de 2003, os inspetores da UNMOVIC são retirados do Iraque, a ameaça de guerra já é iminente.

²⁵ Texto original em inglês.

A intenção norte-americana era de iniciar o conflito. Byers (2007, p. 186) cita a famosa declaração de Bush afirmando que “quem não está conosco, está contra nós”. Ora, seja por motivos políticos internos, seja por desejo de controlar a segunda maior reserva de petróleo do mundo, o fato é que os EUA haviam colocado o Iraque *na alça de mira* e a situação encaminhava-se inexoravelmente para o conflito. De um lado os Estados que estavam apoiando os Estados Unidos da América e a Reino Unido, que alegavam que não só o Iraque teria armas químicas, como também manteria negócios com terroristas, como os da Al-Qaeda e, do outro, grande parte da comunidade internacional e até mesmo da população norte-americana²⁶ que era contrária ao uso da força. Liderando o bloco dos Estados que não apoiavam a intervenção armada estavam França e Alemanha. Esses países ainda acreditavam numa saída diplomática, com o desarmamento gradual do Iraque.

França e Rússia, Estados com direito a veto, deixaram bem claro que não aprovariam uma resolução que autorizasse o uso da força e que, como membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, assumiriam todas suas responsabilidades a este respeito, desde que permanecesse o quadro atual de cooperação do Iraque. Da mesma forma, em 16 de março de 2003, durante reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a maioria dos membros decidiu não apoiar um projeto de resolução agressiva e bélica que permitisse o uso da força contra o Iraque.

A despeito do veto ao uso da força, a guerra era iminente. Em 17 de março de 2003, as Nações Unidas decidem retirar todo seu efetivo da região, pondo fim às atividades em território iraquiano. Foram abandonados os serviços humanitários e assistenciais à população daquele país. Em 18 de março de 2003 é lançado um ultimato ao Presidente Saddam Hussein para que dentro de quarenta e oito horas abandone o Iraque e evite a guerra. Sem lograr êxito em forçar a saída de Hussein, na madrugada do dia 20 de março de 2003 o Presidente Bush, lembrando o **príncipe sagaz** de Maquiavel, com o apoio principalmente da Reino Unido e Espanha, ordena o início da ofensiva militar contra o Iraque.

As manobras acima citadas, realizadas pelos Estados Unidos da América no período que antecedeu o conflito, demonstram, por si só, sua disposição de intervir militarmente no Iraque com ou sem a autorização da ONU. Do ponto de vista das relações internacionais, os EUA deram sinais de que a teoria geopolítica que verdadeiramente norteia sua política externa, sua *mola-mestra*, é o realismo geoestratégico.

Qual a posição da ONU em relação à atitude dos EUA? O Secretário Geral Kofi Annan limitou-se a emitir uma mensagem à Comunidade Internacional onde lamentava o

²⁶ Marcha contra a segunda Guerra do Golfo reuniu 100 mil norte-americanos, em Washington, no dia 19 de janeiro de 2003. (FUSER, 2003).

início da guerra e convoca todos os Estados a não insistir nas divisões do passado, mas sim buscar uma unidade para o futuro. Não há condenação à atitude norte americana. Não há uma declaração de que a guerra é ilegal²⁷. Mesmo contra a decisão do Conselho de Segurança, prevaleceram os interesses dos Estados Unidos. O **realismo geoestratégico norte-americano** é posto em prática no Iraque de uma maneira e atingindo tal magnitude, que poderia até mesmo abalar a fé que a comunidade internacional depositara na ONU.

Após a invasão do Iraque não foram encontradas armas de destruição em massa. O próprio Bush irá se dirigir ao povo americano para informar esse *pequeno engano*²⁸. Um governo foi derrubado, outro está nesse exato momento sendo gerido sob os auspícios dos Estados Unidos. Foi feita a vontade do Estado mais poderoso da terra, prevaleceu o realismo geoestratégico.

7 CONCLUSÃO

Após analisar os diversos assuntos abordados, fica claro que, no campo internacional, os EUA adotam como um dos pressupostos teóricos de sua política externa o realismo geoestratégico. Foi esse realismo que norteou as ações norte-americanas no Iraque, mesmo pondo os EUA em posição antagônica com relação a importantes atores do SI e até mesmo de uma parcela de sua população.

Em face de tudo que foi visto com relação à postura norte-americana no Iraque, se havia a suposição de que as teorias geopolíticas clássicas estariam ultrapassadas, ou que não mais fossem válidas, os ensinamentos deixados pela segunda Guerra do Golfo provam o contrário. Os norte americanos deixaram bem claro para aqueles que, por um acaso, ainda tinham alguma dúvida, que são essas teorias que norteiam sua política externa. O conturbado período no campo das relações internacionais que antecedeu a segunda Guerra do Golfo nos leva a concluir que as teorias geopolíticas ainda balizam as políticas externas dos Estados, em especial a realista, e por isso devem ser estudadas. Se pensadores como Kissinger e Brzezinski, representantes da evolução natural das teorias clássicas da geopolítica, tem suas idéias respeitadas e postas em prática pelos EUA até hoje, é porque elas têm validade.

Por tudo que vimos até aqui, conclui-se que para Estados como os EUA, no SI funciona a lógica do realismo e isso muito provavelmente continuará a ser assim enquanto existirem Estados que possuam poder hegemônico.

²⁷ A declaração do Secretário Geral da ONU e a não-condenação dos EUA é citada por Araujo (2004).

²⁸ O Presidente Bush reconheceu em 05 de fevereiro de 2004 que os EUA não haviam encontrado armas de destruição em massa no Iraque, mas que a guerra era justa. (DÁVILA, 2004).

Da mesma forma que os EUA, os Estados mais poderosos continuarão a defender seus interesses em detrimento dos direitos dos mais fracos, na mesma medida em que possuem maior capacidade de influenciar o SI. No caso especial dos EUA no Iraque, até mesmo a possibilidade de um impeachment ou a ilegitimidade de uma eleição, ou seja, seus interesses internos, podem justificar uma intervenção. Como vimos, nem a própria ONU foi capaz, por meio de seu Secretário Geral e das decisões do Conselho de Segurança, de impedir a atuação norte americana, fato que inclusive causou prejuízos às ações humanitárias que aquela organização realizava no Iraque.

Para finalizar, podemos fazer as seguintes indagações: a natureza do homem mudou? Somos realmente seres humanos melhores depois de mais de 6.000 anos de civilização? Se a resposta for **não**, então vale Hobbes, Maquiavel e a teoria geopolítica do realismo geoestratégico, até que a essência dos homens ou dos Estados mude, se é que um dia isso de fato irá ocorrer.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Bruno Manoel Viana de. Antecedentes da guerra contra o Iraque baseados em documentos internos das Nações Unidas. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 8, n. 267, 31 mar. 2004. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5023>>. Acesso em: 13 jul. 2008.
- BRZEZINSKI, Zbigniew K. **The grand chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives**. New York: Basic Books, 1997.
- BUTLER, Richard. **THE GREATEST TREAT: Iraq, weapons of mass destruction and the growing crisis of global security**. 2nd ed. New York: PublicAffairs, 2001.
- BYERS, Michael. **A LEI DA GUERRA**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- DÁVILA, Sérgio. Mídia dos EUA tem na gaveta real resultado da eleição presidencial. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 nov. 2001. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp071120019998.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2008.
- _____. Bush defende guerra apesar da ausência de armas no Iraque. **Folha Online**, 05 de fev. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u68873.shtml>>. Acesso em 23 jul. 2008.
- FRANÇA, Júnia Lessa. **MANUAL PARA A NORMALIZAÇÃO DE PUBLICAÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- FUSER, Igor. O Império quer guerra. **Revista Época**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 245, 24 jan. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG55231-5990,00-O+IMPERIO+QUER+GUERRA.html>>. Acesso em 22 jul. 2008.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 3. ed. Brasília: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.
- JÚNIOR, J.R. **O que é Positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- KISSINGER, Henry A. **Diplomacy**. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1994.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Golden Books, 2008.
- PECEQUILLO, C.S. **Introdução às Relações Internacionais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- REUS-SMITH, Cristian. **American Power and World Order**. 2nd ed. Malden: Polity Press, 2005.

VESENTINI, José W. **Novas Geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Nova Ordem, Imperialismo e Geopolítica Global**. Campinas: Papyrus, 2003.